

DELITO- -QUASE

A TREMENDA dificuldade com que me debato para escrever sobre este trabalho de Cardoso Pires e do Grupo Quatro (**Corpo-delito na sala de espelhos**, no Teatro Aberto) coloca-se em dois planos: o das intenções e resultado e o da construção teatral de um espectáculo



**VIVA
ITALIA**

**ROMA • SORRENTO
POMPEIA • NÁPOLES
FLORENÇA • PISA**

1 semana tudo incluído

Partidas todos os sábados
de Maio a Outubro

Em colaboração com a Alitalia

peca informações à:



MUNDIAL

AGÊNCIA MUNDIAL DE VIAGENS

R. de S. Maria 33-A Tel. 573056 1100 LISBOA

como fenómeno artístico e inter-
venor.

Digo, desde já, que o conhecer o texto de Cardoso Pires apenas da versão oral que ouvi é limitação de tomo neste caso (de que não me cabe culpa pois o texto não está ainda publicado). O facto, aqui, tem importância porque há um grande escritor que o assina e uma interpretação (a do encenador) a que me devo ater.

Pela primeira vez entre nós, directamente e sem peias, se aborda o problema da Pide, antes e depois do 25 de Abril. Melhor: o problema do torcionário enquanto tal, desvinculado de uma relação regime político-opositores. Melhor ainda e como diz o próprio Cardoso Pires: "o fulcro do drama, para mim, é a transferência sado-masoquista que envolve qualquer forma de tortura em conjugação com a expressão teatral de que esse comportamento se reveste".

Diga-se, pois, que a abordagem é, à partida, adulta e séria, aparentemente distante de meros e imediatos juízos valorativos, circunstanciais e referenciados (possivelmente teatrais e importantes a partir de outro ângulo de visão). Algum interesse terá dizer-se que Cardoso Pires inicia com esta peça uma literatura dramática (ou não) tematizada na polícia política de Salazar e Caetano que, por certo, durante muito tempo irá ter continuadores (a literatura, entenda-se).

O ponto de vista de Cardoso Pires é, assim, como disse, algo de sério. Os torcionários observados por dentro de si mesmos e na sua

relação (teatral) com as vítimas, representam uma forma de análise terrivelmente contundente e impressionante para o espectador. Intenção fecunda e polémica. Cardoso Pires, porém, não é, por vocação ou traquejo, um autor dramático. Daí que o resultado — a peça — não consiga atingir o alvo.

Penso que em **Corpo-delito na sala de espelhos** existe, de facto, uma peça na relação entre Nina e o inspector Sigla. Os momentos mais conseguidos dramaticamente e mesmo ao nível da correspondência com as intenções do autor estão sempre nas cenas entre Lia Gama e Mário Jacques, sendo o diálogo da **confissão** uma tradução correctíssima das intenções do autor e mesmo um dos maiores momentos teatrais da nossa literatura dramática. Enquanto aí se reconhece o Cardoso Pires-escritor nos outros momentos (os de maior tempo de duração) estamos ao nível da crónica política ou de incipiente comédia (negra).

Porque a peça, neste restante, segue um caminho ora naturalista (reconstituição da tortura tal e qual) ora ironizante (o quotidiano dos pides dentro da sede) ora criticista (o quotidiano dos pides na prisão). Para estes momentos Cardoso Pires carilhou demasiados dados factuais exemplares (vozes off, por exemplo) ou jocosos (fotógrafo, strip-tease, enterro) que comprometeram a **tese** e a economia dramática do texto. Volta a dizer: os dois planos de acção não se completam e se o primeiro (Lia-Jacques) nos trans-

mite sinisticamente o sado-masoquismo o outro insere-se num documentário pontual quase nunca significativo (aqui, por exemplo, a cena mais próxima das intenções é a do interrogatório do chefe de brigada a Rolhas).

Estamos assim face a um texto falhado como unidade dramática, no ritmo, na economia. Até que ponto isso se deve também à encenação eis o que me é difícil descortinar. Que Fernando Gusmão criou um espaço cénico quase realista, poucas vezes inteiramente adequado ao texto por falta de concentração, que carreu para o espectáculo uma densidade de sinalizações redundantes, que permitiu um excesso de vozes off, absolutamente antiteatrais, que entremeteu tempos burlescos ou cabaretaianos desproporcionados, que criou planos de visão desnecessários e extravagantes, que procurou encher o texto de uma "imaginação" excessiva, é um facto. Em contrapartida, Fernando Gusmão dirigiu excelentemente os actores (relevo para Mário Jacques, Rui Mendes e António Montez) e marcou certas cenas com uma certa intencionalidade (tortura, strip-tease, enterro).

Esta apreciação rápida se concluirá estarmos perante um espectáculo que, pelo acervo de temas postos à reflexão, não merecia os 40 espectadores que, incluindo-me, a ele assistiram na 3.ª-feira, embora não seja do melhor que o Grupo 4 nos tem dado nem do que Cardoso Pires escreveu.

Orlando Neves